



**AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM MUNICÍPIOS DO
LITORAL DE SANTA CATARINA**



AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM MUNICÍPIOS DO LITORAL DE SANTA CATARINA

Produto apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, como parte integrante da dissertação: As contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com deficiência em municípios do litoral de Santa Catarina, para obtenção do título de mestre em educação inclusiva.

Linha de pesquisa: Práticas e Processos Formativos de Educadores para a Educação Inclusiva.

Orientador: Profa. Dra. Carolina Paioli Tavares

D539

Dias, Juliane Rocio Quirino

As contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com deficiência em municípios do litoral de Santa Catarina / Juliane Rocio Quirino Dias. Ponta Grossa, 2025.

73 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional - Área de Concentração: Educação Inclusiva), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Paioli Tavares.

1. Educação física escolar. 2. Inclusão escolar. 3. Deficiência. I. Tavares, Carolina Paioli. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação Inclusiva. III.T.

CDD: 370.115



As contribuições da Educação Física Escolar na inclusão de alunos com deficiência

Juliane Rocio Quirino Dias
Carolina Paioli Tavares



Universidade Estadual
de Ponta Grossa

SOBRE AS AUTORAS



Mestranda Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional PROFEI pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Possui graduação em graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2012) e Bacharelado em Educação Física pela Instituição de Ensino Superior Sant'Ana (2014). Possui pós-graduação nas áreas de Educação Especial e Inclusão, Atividade Física e Saúde, Educação Física Escolar e Gerontologia. Atualmente é professora de Educação Física no município de Bombinhas - SC.



Possui graduação no curso de Bacharelado em Educação Física pela UNESP, campus Rio Claro, (1998); Mestrado (2004) e Doutorado (2015) em Ciências da Motricidade pela UNESP, campus Rio Claro. Atualmente é Professora Associado do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Foi Vice Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2023-2025). Foi Coordenadora do Curso de Bacharelado em Educação Física (2017-2018) e Chefe do Departamento de Educação Física (2018-2021) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Foi Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) (2007-2009). Foi técnica desportiva da Special Olympics Brasil (SOB) no estado do Paraná (2005-2007). Foi membro da equipe colaboradora do Programa Segundo Tempo do Ministério do Esporte (2008-2010). Foi Editora-Chefe da Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) (2007-2009). Atualmente está desenvolvendo Projetos de Pesquisa nas áreas de diversidade e bullying, formação de professores e inclusão, esporte adaptado e deficiência.



SUMÁRIO

Conceitos: Educação Inclusiva	9
Adaptação Curricular	10
Deficiência	11
Pessoa com Deficiência	12
Acessibilidade	13
Tipos de Deficiência	14
Deficiência Física	15
Orientações didáticas à Deficiência Física	17
Deficiência Auditiva	18
Orientações didáticas à Deficiência Auditiva	19
Deficiência Visual	24
Orientações didáticas à Deficiência Visual	27
Deficiência Intelectual	30
Orientações didáticas à Deficiência Intelectual	32
Transtorno do Espectro Autista	35
Orientações didáticas ao Transtorno do Espectro Autista	36
Síndrome de Down	39
Orientações didáticas à Síndrome de Down	41
Deficiência Múltipla, Mobilidade Reduzida e Condutas Típicas	42
Orientações didáticas à Condutas Típicas	43
Propostas de Atividades	45
Questões Norteadoras e Reflexivas à prática	67
Avaliação	68
Considerações Finais	70





APRESENTAÇÃO

Prezados professores e professoras,

Este material é resultante de uma pesquisa realizada intitulada “As contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com deficiência em municípios do litoral de Santa Catarina”, fazendo parte dos critérios avaliativos do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), prevendo a construção de um produto educacional, sendo este um caderno didático direcionado para professores e professoras de Educação Física do Ensino Fundamental I.

O guia prático para construção dos produtos educacionais do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (2019) categoriza esta tipologia pertencente ao grupo de textos, tendo palavras chaves como: apoio, auxílio a professores (as), guia, instruções, orientações e sugestões. Neste tipo de material vê-se claramente a ampliação nas formas, métodos e conteúdos de pesquisa para cada vez mais ampliar o leque de conhecimentos, servindo de multiplicador na educação, diversificando assim as alternativas metodológicas em sala de aula e, conseqüentemente, a melhoria na qualidade do ensino, facilitando o entendimento do aluno, indo ao encontro do que preconiza Soares (1993), no reconhecimento de que são poucos os professores que percebem a relevância das pesquisas em ensino para a modificação de suas práticas, argumentando que estes se beneficiariam sobremaneira se pudessem envolver-se mais ativamente na pesquisa educacional.

O objetivo deste caderno didático é ofertar aos docentes informações e atividades relacionadas à inclusão em aulas de educação física na escola, voltadas para o público das séries iniciais do Ensino Fundamental, contemplando as unidades temáticas de esportes e jogos e brincadeiras.

As diferenças entre as pessoas vão além das características individuais inerentes ao ser humano, como aspectos étnicos, psicológicos e sociais, que não exigem mudanças ou adaptações para que haja convivência social. Elas também incluem as diferenças pessoais decorrentes de deficiências, como as mentais, físicas, auditivas, visuais, entre outras. Essas diferenças, por suas características mais evidentes, muitas vezes geram sentimentos de abandono, discriminação e exclusão, especialmente quando há omissão ou negação de direitos.





APRESENTAÇÃO

A exclusão baseada na diferença ou na distância do padrão considerado ideal reflete uma visão de sociedade mecânica, que funciona e age com base na ideia de semelhanças. Essa visão busca classificar e situar as pessoas diferentes por meio de atributos e características de categorias e classes.

Historicamente, as pessoas com deficiência foram avaliadas principalmente por suas potencialidades e possibilidades de inclusão na sociedade, usando indicadores padronizados. Assim, elas sofrem mais com os efeitos do estigma que as coloca na condição de incapazes do que pelos limites reais de suas deficiências.

Como resultado, compartilham uma história de exclusão social marcada pelos estigmas que lhes foram atribuídos, muitas vezes reforçando uma sensação de incapacidade.

Hoje, uma nova perspectiva e uma interpretação diferente sobre as diferenças vêm sendo construídas, fundamentadas em princípios de equidade, respeito e cidadania. Essa abordagem valoriza as especificidades das pessoas com deficiência além das manifestações externas, reconhecendo principalmente seu potencial interno enquanto indivíduos.

Essa mudança de visão evidencia, para diferentes contextos sociais, tanto públicos quanto privados, e para cada cidadão, a importância de reconhecer a diversidade humana e de impedir que as diferenças se transformem em desigualdades. Afinal, toda pessoa, ao longo de sua vida, pode adquirir algum tipo de deficiência, tornando essencial uma postura inclusiva e respeitosa.

A garantia de acesso à educação e de condições adequadas para as pessoas com deficiência, que muitas vezes são excluídas das diversas políticas sociais e impedidas de exercer plenamente seus papéis como sujeitos de direitos, torna-se fundamental para a construção de uma sociedade ética e justa. Durante a evolução educacional mundial, a educação inclusiva tem enfrentado diferentes desafios relacionados à defesa do direito à educação para todos os alunos, sem discriminação.

Esses desafios envolvem diferentes aspectos, tais como, articulação política, social, cultural e pedagógica. A educação inclusiva, fundamentada nos direitos humanos, enfatiza o valor de igualdade no processo de aprendizagem dos alunos. A prática comum de exclusão nos ambientes escolares justifica a necessidade de debatermos sobre práticas inclusivas e mudanças estruturais que permitam a efetiva participação de todos.



CONCEITUANDO...



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

De acordo com a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da inclusão, de 2008, define que a Educação Inclusiva se constitui como um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (Brasil, 2008).



ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Adaptação curricular consiste na garantia de ensino, que assegura adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais da pessoa com deficiência, para exercer o desempenho de suas atividades acadêmicas em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas. Estas adaptações curriculares ocorrem por meio da oferta, de apoio necessário, que garantam condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem (Brasil, 2015).



DEFICIÊNCIA

A Lei Federal nº 13.146/2015, que regulamenta internamente as disposições da Convenção da ONU, prevê em seu artigo 2º:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Considera-se pessoa com deficiência de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, Nº13.146/2015 aquela que tem impedimento em longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas - (Brasil, 2015).



ACESSIBILIDADE

A Acessibilidade do ponto de vista da Lei Brasileira de Inclusão, Nº 13.146 de 2015 e do Decreto da Acessibilidade, Nº 5296 de 2005, é a possibilidade da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida alcançar com segurança e autonomia mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, os meios de transportes, informação e comunicação, e ainda, as tecnologias e outros serviços de uso coletivo em todos os espaços (Brasil, 2015).



TIPOS DE DEFICIÊNCIA

FÍSICA

VISUAL

AUDITIVA

INTELECTUAL

MÚLTIPLA

**MOBILIDADE
REDUZIDA**

CONDUTAS TÍPICAS



DEFICIÊNCIA FÍSICA

Considera-se a alteração total ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano e que acarreta comprometimento da função física. Apresenta-se sob a forma de paraplegia, monoplegia, tetraplegia, hemiplegia, ostomia, amputação, deformidades físicas, ausência de membros, paralisias, nanismo, dentre outras, que interferem na locomoção e coordenação do aparelho motor, na articulação da fala e no desempenho de atividades. (Brasil, 2015)



DEFICIÊNCIA FÍSICA

Os termos abaixo relacionados referem-se à localização do comprometimento.



MONO: Déficit em um membro do corpo



HEMI: Déficit em uma metade lateral do corpo (direita ou esquerda)



PARA: Déficit em ambos os membros.



TETRA: Déficit nos membros superiores e inferiores

VOCÊ SABIA?

Plegia: perda grave ou total do movimento do membro afetado.

Paresia: perda parcial de força e sensibilidade do membro afetado.

AO RELACIONAR-SE COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA, ATENTE-SE À:

SILVA (2006)

conhecer e atender as necessidades específicas do aluno com deficiência física, para possibilitar a sua inclusão, participação e promoção social.

motivar e possibilitar a sua participação na realidade social em que vive, construindo rampas, adaptando portas, banheiros, corredores, pisos e ambientes de trabalho, de estudo e de lazer

avaliar as suas necessidades e as condições de acesso existentes, visando ressignificar os espaços e as oportunidades de inclusão e participação social.

oportunizar e incentivar o aluno com deficiência a assumir funções relevantes na escola, como voluntário ou como líder de turma, basta que lhe sejam dadas as oportunidades de acesso e participação.



DEFICIÊNCIA AUDITIVA



Segundo o Decreto 5.296/2004, trata-se da perda bilateral, parcial ou total, na percepção normal dos sons. A perda auditiva pode variar de leve, que ocorre quando o indivíduo ouve com dificuldades, a profunda, que é a ausência total da audição.



AO RELACIONAR-SE COM ALUNOS SURDOS, ATENTE-SE À:

SILVA (2006)

o aluno surdo, por não ouvir, tem dificuldades de comunicar-se por meio da fala. Utiliza, geralmente, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e a linguagem de gestos.

ao conversar com um aluno surdo, busque inicialmente o contato visual, fazendo com que ele olhe para você, sinalizando ou tocando em seu braço; essa atitude facilita a comunicação.

fique sempre de frente, tomando cuidado para que ele enxergue sua boca. Fale claramente, e em velocidade normal, pois uma boa articulação facilita a leitura labial e a compreensão da mensagem.

Seja natural. Não há necessidade de gritar ou falar alto, a não ser que lhe peçam para levantar a voz.

Use expressão facial e corporal para demonstrar seus sentimentos, pois a pessoa surda não percebe mudanças de tom ou de emoção na voz. Seja expressivo.

procure sempre um ambiente claro, a fim de obter boa visibilidade. Dirija-se sempre à pessoa surda, mesmo quando ela estiver acompanhada de intérprete.

AO RELACIONAR-SE COM ALUNOS SURDOS ATENTE-SE À:

SILVA (2006)

A Língua Brasileira de Sinais – **LIBRAS**, é a primeira língua das pessoas surdas. Portanto, ao planejar um evento com a participação de pessoas surdas, providencie um intérprete em **LIBRAS**. É lei, Decreto no 5.296/2004.

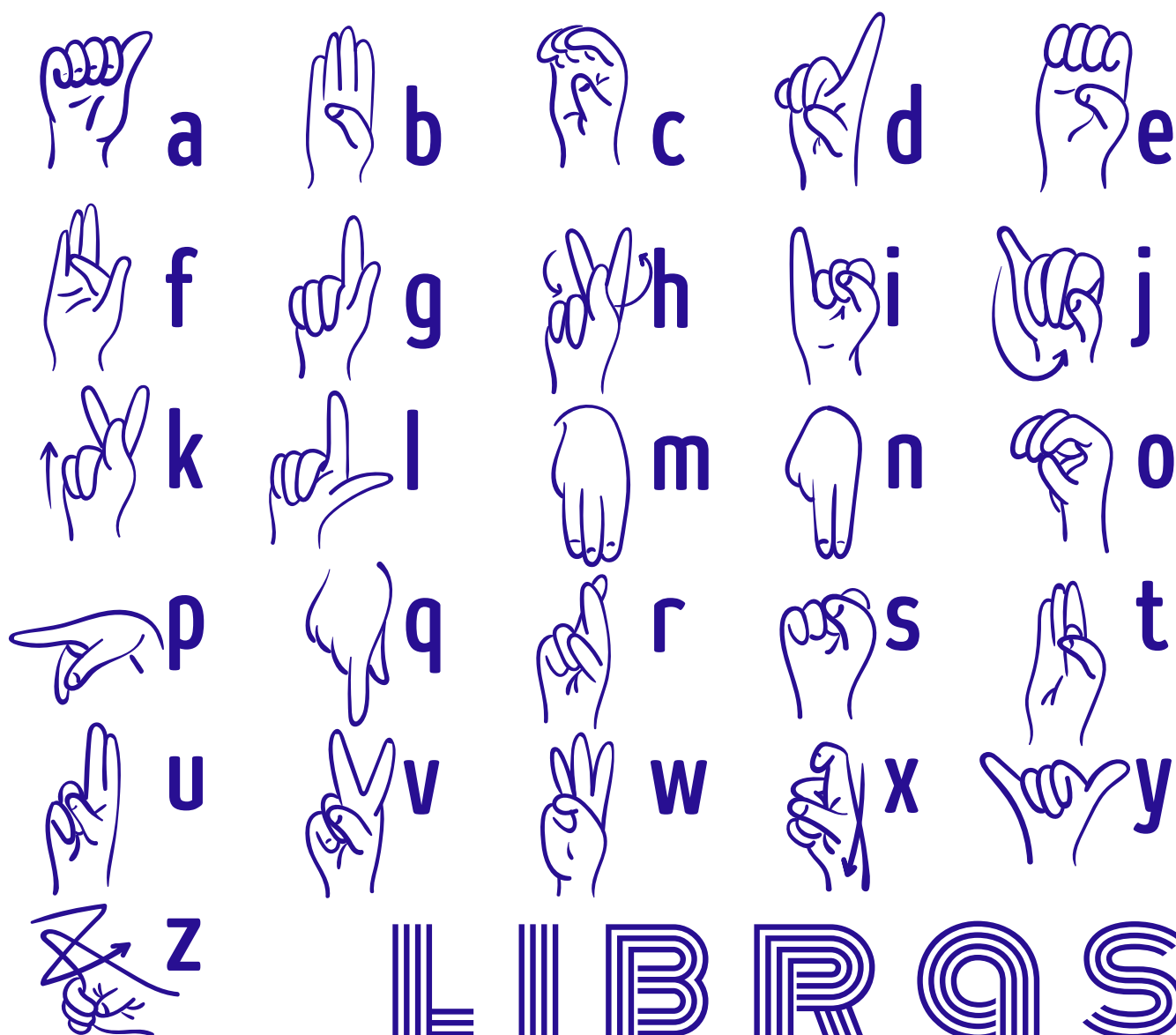
Ao planejar um evento, providencie avisos visuais para que o aluno surdo não se sinta excluído do contexto

Se for exibir um filme ou documentário, qualquer mensagem televisiva, sem tradução em **LIBRAS** ou legenda, providencie um script ou um resumo, para que o aluno surdo contextualize-se, previamente, com o conteúdo, para entender a mensagem.

Ao comunicar-se com alunos surdos, evite gesticulação excessiva e barreiras no movimento dos lábios, como bala ou chiclete na boca



ALFABETO MANUAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS



Língua Brasileira de Sinais



ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS SURDOS

HERNANDEZ (2003)

→ **Garanta a compreensão da linguagem oral, sempre levando em consideração que você nunca pode prestar atenção simultaneamente a mais de uma fonte de informação.**

→ **Chame sua atenção por meios visuais ou táteis antes de falar. Fique na frente dele (aproximadamente 50 cm), evitando que, ao falar com ele, os gestos, os objetos que são mantidos nas mãos, cabelos ou sombras dificultem a leitura labial.**

→ **Coloque o estudante em uma situação que facilite a observação geral do grupo e do espaço. Atenue e evite ruídos de fundo para os estudantes com aparelho auditivo.**

→ **Não grite, usando o ritmo e a entonação normal (sem movimentos exagerados da boca). Não fale enquanto escreve na lousa, você está em movimento ou fazendo anotações. Você deve ficar parado e olhar na direção do estudante.**

→ **Complete a explicação oral com elementos visuais e referências (textos, diagramas na lousa, cartazes, entre outros). Sempre exemplifique a atividade proposta.**

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS SURDOS

HERNANDEZ (2003)

→ No momento de explicar novos conceitos, confirme que ocorreu a assimilação, em caso de mal-entendido, a frase deve ser reformulada, dando o máximo de informações possíveis, evitando a repetição insistente do que foi dito.

→ Não use frases segmentadas ou palavras isoladas sem significado. Sempre contextualize, com qualquer explicação, o que, como, onde e o porquê. Em jogos e esportes coletivos garanta o conhecimento prévio das regras.

→ Procure alternativas para sinais acústicos (estabelecendo um código que desenvolva sinais ou a colaboração de um parceiro, entre outras possibilidades).

→ Nas atividades rítmicas, você deve garantir que o estudante perceba as vibrações (direta ou indiretamente). Para fazer isso, é recomendável abaixar as frequências agudas e subir os graves.

→ Se houver problemas de equilíbrio ou tontura, preste atenção em todas as atividades, especialmente naquelas que envolvem algum risco. Se o estudante tiver dificuldade de leitura labial, seria ideal o conhecimento do idioma de sinais por parte dos professores e colegas.

DEFICIÊNCIA VISUAL

É a perda total – cegueira – ou parcial, com visão reduzida em ambos os olhos. A cegueira é compreendida como a perda total, ou a existência de um resíduo mínimo de visão, que leva o indivíduo a necessitar de recursos específicos para o seu desenvolvimento e inclusão social. As pessoas cegas necessitam de equipamentos e apoios para a sua efetiva inclusão. Fazem parte dos apoios para a pessoa cega o “Sistema Braille” para leitura e escrita, o Sorobã para o aprendizado de números e cálculos, bengala para a locomoção, e o cão-guia para orientação e mobilidade, dentre outros recursos e apoios. Tem visão reduzida ou subnormal a pessoa que possui resíduo visual que a possibilita visualizar escritas e objetos de forma ampliada, ou com o uso de equipamentos específicos. As pessoas com baixa visão também podem necessitar de apoio. (Ministério da Educação, 2001)

AO RELACIONAR-SE COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL, ATENTE-SE À:

SILVA (2006)

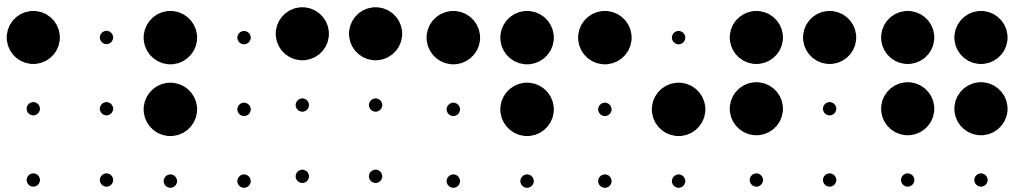
Ao se encontrar ou se despedir de uma pessoa cega, cumprimente-a estendendo-lhe a mão. Esse gesto demonstra respeito e a faz sentir-se aceita em seu meio.

Para iniciar o contato, toque no braço do estudante cego, chamando-o pelo nome, se souber. Se ainda não o conhece, apresente-se e coloque-se à disposição.

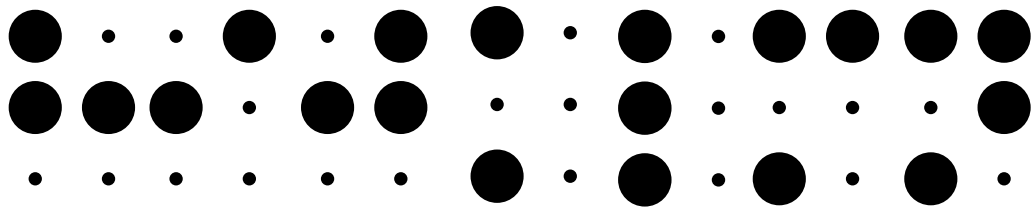
Ao apresentar uma pessoa cega a alguém, faça-o de frente para a pessoa ou grupo a quem você o está apresentando, a fim de evitar que ela estenda a mão para o lado contrário. Esse procedimento facilitará sua interação e relacionamento.

Em hipótese alguma minimize sua participação nas aulas ou decisões. Trate-o como os alunos que enxergam, porém não esqueça dos recursos que são peculiares da deficiência visual.

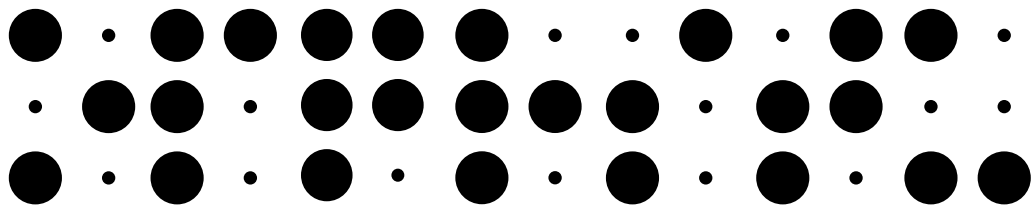
SISTEMA BRAILLE



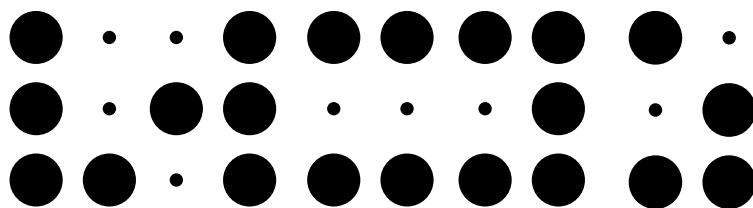
A B C D E F G



H I J K L M N



O P Q R S T U



V W X Y Z

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

HERNANDEZ (2003)

→ Em estudantes com alguma visão residual, incentive o uso da visão, melhorando a discriminação visual (acuidade, rastreamento, memória e estabilidade da diferenciação). É importante conhecer as características do seu campo visual, acuidade visual, sensibilidade às cores e em contraste. Isto é, por qual área do olho eles veem, quão longe eles veem, como e o que veem, a fim de apresentar as tarefas e o material da melhor maneira, aproveitando ao máximo o resíduo visual.

→ Relatórios médicos devem ser analisados, pois, dependendo do tipo e da patologia, pode pôr em risco o resto da visão existente.

→ Promova e estimule habilidades motoras, a fim de desenvolver o movimento intencional e, paralelamente, evite as consequências do estilo de vida sedentário para melhorar sua saúde (perspectiva social, física e psíquica) e, portanto, sua qualidade de vida.

→ Relate previamente o que será tratado em aula, explicando antecipadamente os novos conceitos, para contextualizar ao máximo as atividades (o que, como, onde e o porquê). Se forem realizadas informações escritas, aproveite a visão residual e apresente informações ampliadas ou, em alguns casos de cegueira total, em Braille. Dê mais informações sobre os aspectos de uma atividade proposta para que o estudante seja mais autônomo e perca seus medos do desconhecido.

→ Para facilitar uma explicação e demonstração, peça para ele tocar a pessoa que a executa ou mobilize as partes do corpo que executam o movimento. Também é interessante estabelecer um código fixo em que as palavras chave representem situações ou tarefas de jogo que ocorrem com frequência, para evitar perda de tempo com explicações.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

HERNANDEZ (2003)

Para facilitar o entendimento da atividade global, relate do geral ao específico.

Informações durante e após a execução de movimentos, tanto pelo professor como pelos colegas, facilitam o conhecimento da performance do seu desempenho aumentando assim sua motivação e interesse.

Use uma linguagem descritiva, precisa e clara, tendo em mente o repertório de vocabulário do estudante e os significados que fornecem certos conceitos mais definidos (devemos colaborar com a extensão do referido repertório, garantindo sua assimilação).

Chame o estudante pelo nome antes de falar, verificando que recebe mensagens e, na medida do possível, minimizando outras fontes sonoras que possam interferir no processo de comunicação. Use um tom de voz adequado, pois pode ser um fator motivador ou desmotivador.

Reconhecer o espaço anteriormente através do toque. Sabendo a estrutura e o perímetro por identificação verbal, marque referências para evitar o medo de desorientação.

Estudantes com baixa visão também deverão reconhecer o espaço e, para isso, os elementos visuais podem servir como orientação (pontos de luz, contrastes, entre outros). Também é aconselhável familiarizar-se com os sons do espaço, com o objetivo de facilitar sua orientação e ajudar a contextualizá-la.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

HERNANDEZ (2003)

→ É aconselhável trabalhar sempre no mesmo espaço para que resulte familiaridade e evite inseguranças. Isso deve ser estruturado e ordenado para facilitar sua orientação e compensar as incertezas. Portas ou janelas semiabertas devem ser evitadas, pois podem produzir acidentes.

→ Uso de linhas táteis (fita adesiva presa ao chão colocada em cima de um barbante permitirá que o movimento seja um fator orientador para o estudante durante uma atividade) e, na medida do possível, use superfícies diferentes para marcar as áreas de jogo. Em caso de resíduo visual, realce a cor das linhas de demarcação da quadra.

→ O material deve sempre ser colocado da mesma maneira no espaço facilitando a autonomia do estudante (evitando a desorientação e que se torne um obstáculo).

→ Avise quando a disposição de objetos e materiais mudar. Se o estudante ficar desorientado, dê referências de localização do seu próprio corpo em relação aos objetos.

→ Acolchoe ou proteja os obstáculos inevitáveis (por exemplo, as colunas). A superfície deve ser antiderrapante e não abrasiva



DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Refere-se a padrões intelectuais reduzidos, significativamente inferiores à média, geralmente com manifestação antes dos 18 anos, e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, habilidades acadêmicas, segurança e autonomia. Podem apresentar comprometimentos de nível leve, moderado, severo ou profundo, de acordo com o grau de limitações.

(Paraná, s.d.)



AO RELACIONAR-SE COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, ATENTE-SE À:

SILVA (2006)

São alegres, carinhosos e geralmente muito comunicativos. Por isso, ao encontrá-las, expresse alegria e cumprimente-os de forma natural, mantendo a conversação até onde for possível

Tratá-los com respeito e dignidade é obrigação de todos, independentemente de sua idade. Assim, se for criança, trate-a como criança, se adulta, como tal.

Este aluno tem condições de aprendizagem, por isso, estimule-a para que vivencie suas próprias experiências. Evite comparações, o aluno só pode ser comparado a ele mesmo.

Trate-os como os demais alunos e jamais os subestime. Sempre enalteça suas capacidades e possibilidades. Facilite a participação e a cooperação desses alunos nas diferentes situações.

A sensibilidade é uma característica marcante aqui. Portanto, não se utilize de palavras, gestos ou expressões grosseiras. Essa atitude é desrespeitosa e a faz sentir-se humilhada e impotente.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

HERNANDEZ (2003)

→ As informações da aula, sejam regras, orientações ou comandos motores, devem ser comunicadas de forma concreta, precisa, organizada e simplificada. Cartazes ou desenhos na lousa móvel auxiliam muito e devem ser simples, com um mínimo de palavras.

→ As informações devem ser realizadas por diversos meios possíveis, potencializando a verbalização e compreensão, favorecendo a capacidade da representação e abstração, utilizando vários meios para complementar as informações, seja o verbal, o contato, as cores, os sons, os materiais, entre outros.

→ As atividades devem estar intimamente associadas às orientações do professor com o objetivo de possibilitar a união entre o sistema de sinais verbais e a vivência de Educação Física. Correlacionar diretamente as orientações verbais do professor com as demonstrações práticas, logo, a compreensão por parte do estudante será mais fácil.

→ A ajuda ou assistência motora por parte do professor ou do atendente educacional para executar um gesto motor só deve ser realizada quando necessário.

→ Objetivando facilitar a compreensão de orientações, procurar focar a atenção do estudante eliminando fontes de distração. Simplificar os problemas motores, dividindo o ensino em pequenas etapas didáticas, reduzindo a complexidade da aprendizagem e o número de decisões motoras.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

HERNANDEZ (2003)

→ As tarefas devem exigir um nível de habilidade compatível com a capacidade dos estudantes visando que a atividade se conclua efetivamente para não gerar frustrações, logo, deve-se utilizar a pedagogia do sucesso.

→ Tarefas que exigem a realização de objetivos de curto prazo são motivadoras. É importante dar prioridade às atividades que propõem condições positivas de aprendizagem nos aspectos sociais e emocionais.

→ Deve-se ter paciência no trabalho, observar e avaliar o sucesso do estudante mesmo que o desenvolvimento seja mínimo. Os elogios devem ser reforçados e deve-se incentivar a conclusão das tarefas imediatamente, favorecendo um feedback positivo.

→ Manter uma rotina didática durante as aulas facilitará a compreensão do ambiente e do contexto das aulas para o estudante. A repetição poderá ser uma estratégia para melhorar a assimilação do conhecimento.

→ Respeitar as fases do desenvolvimento motor, fazendo propostas de atividades correspondentes à sua idade mental e cronológica, todavia não utilizando linguagem infantilizada.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

HERNANDEZ (2003)

→ Promover atividades que permitam a exploração do corpo no seu ambiente didático, estimulando os sentidos em geral, desenvolvendo a organização do espaço-tempo, o esquema corporal, a autoimagem, a organização de sensações e percepções, ajuste da postura, equilíbrio, controle tônico, relaxamento, respiração e lateralidade.

→ Quando necessário é obrigatório ter a assessoria e o aconselhamento médico para estudantes que apresentam também lesões cardíacas ou insuficiências respiratórias. Propor atividades que favoreçam a autonomia e hábitos de higiene, desenvolvendo habilidades sociais e comportamentos adaptativos.

→ Estudantes com deficiências graves ou profundas precisarão complementar as orientações do professor através de sinais, sons e contatos físicos com a finalidade de aumentar a estimulação sensório motora.

→ Em alguns casos é necessária a presença do professor de apoio ou do atendente educacional para facilitar a aprendizagem e o processo de inclusão.

→ Oferecer ajuda quando avaliar que o estudante está confuso ou em uma situação embaraçosa. Nunca fazer comentários no diminutivo ou observações de um desempenho esportivo insatisfatório com ironia.

SÍNDROME DE DOWN

Trata-se de uma alteração genética que ocorre no início da gravidez, durante a multiplicação das células. Suas principais características foram descritas em 1866, pelo médico inglês Langdon Down.

Estima-se que a cada 600 nascimentos nasça uma criança com síndrome de Down, o que significa que, no Brasil, nascem 8.000 bebês Down por ano. Qualquer pessoa, independentemente de raça ou condição social, está sujeita a ter um filho Down. A criança com síndrome de Down apresenta atraso no desenvolvimento das funções motoras e mentais. Por isso, desde o nascimento, necessita de estimulação e apoio para o desenvolvimento de suas potencialidades.

(Senado Federal, 2021)



SÍNDROME DE DOWN

Um aspecto importante relacionado aos cuidados com estudantes com Síndrome de Down diz respeito às atividades de Educação Física que possam causar impacto excessivo na região cervical, como cambalhotas, mergulhos e cabeçadas. Isso porque pode haver o problema da Instabilidade Atlanto-Axial (IAA), conforme mencionado por Schwartzman (1999). Segundo Matos (2005), a presença de IAA exige atenção especial, pois aumenta o risco de lesão medular aguda, especialmente durante a prática esportiva, que tem se tornado cada vez mais comum na terapia e na socialização dessas crianças. Por isso, a identificação da IAA e dos fatores de risco é fundamental antes de recomendar a prática esportiva para esses estudantes.



ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN

HERNANDEZ (2003)

→ **Priorize o conhecimento e a aceitação do próprio corpo, bem como suas possibilidades de movimento, especialmente com o objetivo de melhorar a função respiratória, o ajuste postural, o equilíbrio, o controle tônico e o relaxamento, incentivando o relacionamento com o meio ambiente (organização espacial e temporal).**

→ **Desenvolva programas preventivos de atividade física, a fim de favorecer o controle do peso corporal e o desenvolvimento de certos grupos musculares para potencializar melhor qualidade de vida. Não devemos esquecer que habilidades condicionais são, nesse grupo de estudantes, essenciais.**

→ **Fortaleça as habilidades motoras básicas para promover a autonomia e o domínio das ajudas técnicas de deambulação, que permitirão facilitar a autonomia na vida cotidiana. Estimule a capacidade de expressão e comunicação corporal.**

→ **Delimite o espaço das atividades para compensar as dificuldades de mobilidade. Introduza, conforme o decorrer das práticas corporais, material específico adaptado ao esporte.**

→ **Utilize, se necessário, para facilitar a participação ativa nas atividades, a presença do professor de apoio, do atendente educacional ou do estudante tutor (dependendo da idade).**

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como transtorno com limitação na comunicação (linguagem), interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamentos, de interesses ou de atividades, conforme pontuado nos documentos da área (APA, 2015).

É comum que uma pessoa apresente mais de um transtorno do neurodesenvolvimento ao mesmo tempo. Por exemplo, indivíduos com transtorno do espectro autista frequentemente também têm deficiência intelectual, conhecida como transtorno do desenvolvimento intelectual.

É importante salientar que o autismo é considerado um transtorno e não uma deficiência.

ESPECTRO

TEA



ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM TEA

BLOCK E JONES (2006) E ZHANG E GRIFFIN (2007).

→ Planeje suas aulas com todos os estudantes em mente. Considere seus pontos fortes e interesses ao passar as informações e orientações que serão realizadas. Estabeleça uma rotina durante a aula, estabelecendo sensações de familiaridade e vínculo íntimo com o intuito de torná-los mais confiantes.

→ Não utilize figuras de linguagem durante a aula, como “corra como o vento”, “congele”, “chute com o peito do pé”, etc.

→ Termine com clareza a aula e estabeleça um procedimento rotineiro também para encerrar a Educação Física, como, por exemplo, um exercício de respiração ou relaxamento todos os dias.

→ Evite barulhos demasiados com estudantes com sensibilidade sensorial. Por exemplo, em vez de usar um apito, chame a turma com calma para conversar.

→ Quando o estudante fizer uma atividade corretamente, enfatize esse fato e faça elogios indicando que ele realizou uma tarefa apropriadamente. Evite fazer comentários negativos, como “Pare e abaixe as mãos você está fazendo errado”, procure sempre uma fala positiva.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM TEA

BLOCK E JONES (2006) E ZHANG E GRIFFIN (2007).

→ No momento em que oferecer um material novo, mostre a maneira correta de usá-lo. Por exemplo, numa aula de rebater a bola com um taco, demonstre como se faz e a maneira segura de manusear.

→ Caso esteja ensinando uma sequência de movimentos, procure realizar sequências pequenas e bem claras no primeiro momento e um facilitador do aprendizado é utilizar o lúdico e motivar seus estudantes constantemente.

→ A variedade de comportamentos é enorme nos estudantes com espectro autista, ou seja, procure analisar o seu estudante e identifique qual ajuste procedimental tem maior aceitação e é mais positivo no seu aproveitamento escolar.

→ Esportes coletivos podem ser mais difíceis de serem realizados, um grupo muito grande poderá atrapalhar no processo de aprendizado, assim, se ocorrer essa dificuldade, procure se concentrar orientando e definindo líderes em pequenos grupos no primeiro momento.

→ Esportes individuais ou em dupla poderão ser uma ótima estratégia conforme a característica social do seu estudante. Utilizar uma lousa-móvel, cartolinas ou vídeos com orientações claras e de forma simples poderão ser excelente suporte ao auxílio do aprendizado.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM TEA

BLOCK E JONES (2006) E ZHANG E GRIFFIN (2007).



Alerte sobre as mudanças na rotina ou sobre os acontecimentos que irão ocorrer na aula previamente, “Em três minutos iremos guardar os materiais”, dessa forma irá ajudar o estudante a saber o que esperar.



Fique ciente de que o brilho forte da luz, grandes espaços e a acústica do espaço poderão ser um entrave ao aprendizado. Procure minimizar as distrações sensoriais, como, por exemplo, apagar um conjunto de lâmpadas com a intensidade luminosa muito forte.



Pergunte aos pais e aos profissionais do Atendimento Educacional Especializado quais fatores poderão sobrecarregar negativamente o estudante e quais suas potencialidades.

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

É a associação de duas ou mais deficiências. Exemplo: uma pessoa com deficiência mental, física e visual. (Paraná, 2019)

MOBILIDADE REDUZIDA

Trata-se de dificuldade permanente ou temporária para movimentar-se, que gera redução na mobilidade, flexibilidade e coordenação motora, bem como das percepções. Situam-se neste conceito as pessoas idosas, gestantes, lactantes, acompanhadas de crianças de colo e obesas. (Comissão de Acessibilidade do Senado Federal, 2005, p. 31)

CONDUTAS TÍPICAS

Trata-se de características específicas ou combinadas, de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos e/ou psiquiátricos, que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atenção e cuidados especiais. (Brasil, 2015)



ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO CONTATO COM ALUNOS COM CONDUTAS TÍPICAS

SILVA (2006)

→ **Seja fraterno, demonstre uma atitude de carinho e respeito às suas necessidades. Seja natural e ofereça seu apoio.**

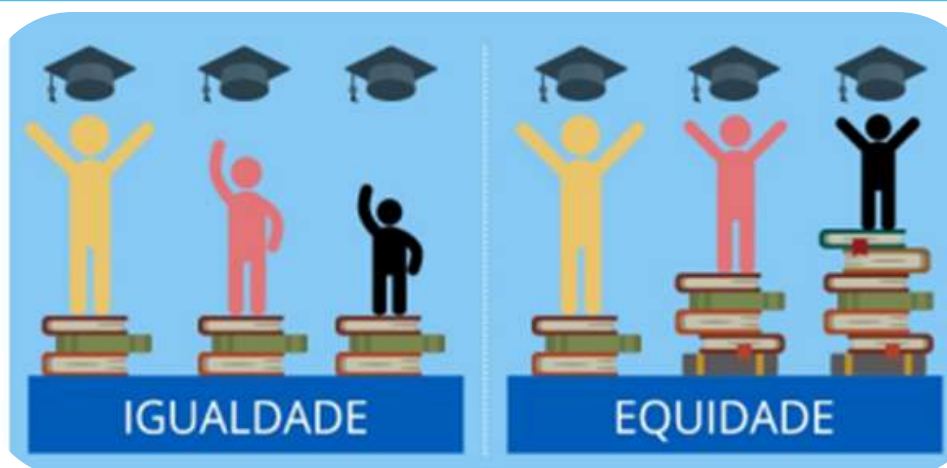
→ **Demonstre confiança e amizade. Ajude-a a integrar-se ao grupo. Enalteça as qualidades, valorize o potencial da pessoa com condutas típicas, não exija além de sua capacidade.**

→ **A escola contribui de forma decisiva para o desenvolvimento e inclusão de alunos com deficiência, fazendo as adaptações físicas e curriculares necessárias,**

→ **Ao vivenciar situações e comportamentos excessivos de pessoas com condutas típicas, seja firme, porém afetuoso; Considerações comuns a todas as deficiências.**

VOCÊ SABIA?

O termo **igualdade** consiste em tratar todas as pessoas como iguais, independentemente do quão diferentes são, pois todos são detentores de dignidade, direitos e deveres na sociedade. Já o termo **equidade** envolve dar atenção às diferenças, pois as pessoas, de fato, não são iguais e possuem características e necessidades peculiares, ou seja, podem apresentar demandas diferenciadas e por isso se faz necessário pensar em estratégias (que poderão ou não ser comuns para outra pessoa) considerando a individualidade e o contexto em que está inserida. Portanto, a equiparação de oportunidades é o processo mediante o qual o sistema geral da sociedade como o meio físico atitudinal, social, de educação, entre outros, se torna acessível a todos.



Fonte da imagem: <https://saest.ufpa.br/documentos/Vol.1.CARTILHA.DEF.FISICA.pdf>

JOGOS COOPERATIVOS

Os jogos cooperativos são ferramentas positivas para promover a inclusão, pois enfatizam a colaboração e a participação de todos os membros do grupo, em vez de focar na competição.

Esses jogos incentivam a comunicação, a empatia e a resolução de conflitos, habilidades sociais importantes para a inclusão.

Além disso, jogos cooperativos podem ser adaptados para atender às necessidades individuais de cada participante, promovendo um ambiente mais acolhedor e equitativo.

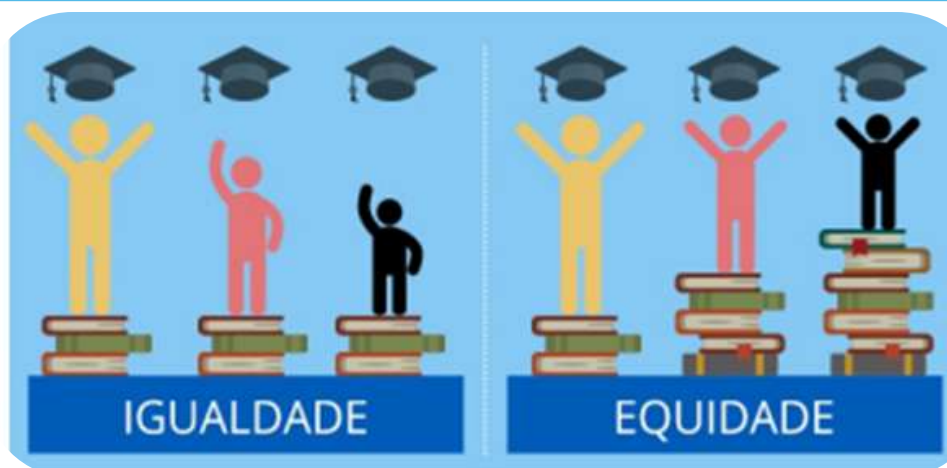
- **Desenvolvimento de habilidades sociais**
- **Promoção da participação de todos**
- **Criação de um ambiente acolhedor**
- **Adaptação às necessidades individuais**
- **Redução de comportamentos de exclusão**

As propostas de atividades deste caderno contém alguns exemplos de jogos cooperativos para o contexto escolar.



VOCÊ SABIA?

O termo **igualdade** consiste em tratar todas as pessoas como iguais, independentemente do quão diferentes são, pois todos são detentores de dignidade, direitos e deveres na sociedade. Já o termo **equidade** envolve dar atenção às diferenças, pois as pessoas, de fato, não são iguais e possuem características e necessidades peculiares, ou seja, podem apresentar demandas diferenciadas e por isso se faz necessário pensar em estratégias (que poderão ou não ser comuns para outra pessoa) considerando a individualidade e o contexto em que está inserida. Portanto, a equiparação de oportunidades é o processo mediante o qual o sistema geral da sociedade como o meio físico atitudinal, social, de educação, entre outros, se torna acessível a todos.



Fonte da imagem: <https://saest.ufpa.br/documentos/Vol.1.CARTILHA.DEF.FISICA.pdf>

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

ATIVIDADE 1 TELEFONE SEM FIO CORPORAL

LOCAL: Espaço amplo: quadra ou sala de aula

OBJETIVO: Desenvolver expressividade, colaboração, atenção e memorização

MATERIAL: Corpo próprio, espaço amplo



DESCRIÇÃO: Dividir a sala em grupos, um grupo realizará a tarefa e os demais assistem, depois revezam. Em uma fila, um (a) atrás do(a) outro (a), o (a) primeiro (a) da equipe deverá realizar 3 gestos onde somente o (a) segundo (a) da fila verá, o próximo da fila será tocado (a) pelo (a) segundo (a), ficará de frente à ele (a) que repetirá o gesto, e assim sucessivamente. O (a) próximo (a) da fila só vira para trás quando for tocado (a) pelo (a) colega. A equipe pontuará se a “mensagem” o comando com os 3 gestos iniciais for executado corretamente pelo último da fila, assim como expressado pelo primeiro.

VARIAÇÃO: Solicitar que um (a) representante de outra equipe determine os gestos iniciais para outra equipe imitar.

Ao invés de gestos criados, pode-se solicitar nome de filme, personagem, etc.



Esta atividade estimula a autonomia ao trabalho dos alunos? Como poderia melhorar?

ATIVIDADE 2

JOGO DAS CORES

LOCAL: Quadra

OBJETIVO: Estimular a agilidade, tempo de reação, cooperação.

MATERIAL: Papel nas cores vermelha, verde e amarelo

DESCRIÇÃO: Os (as) alunos (as) estarão dispostos (as) em círculo e, deverão observar a demonstração das cores e dos números indicados pelo (a) professor (a), estímulos estes que irão designar a tarefa a ser efetuada, ou seja, os números para a formação dos grupos e as cores para executarem os movimentos proposto pelo (a) professor (a). Ao sinal do (a) professor (a) os (as) alunos (as) estarão dispostos (as) pela quadra e atentos aos estímulos visuais para execução dos movimentos, devendo executar os movimentos conforme os estímulos recebidos, por exemplo, se o (a) professor (a) mostrar a cor verde e fizer o número três, os (as) alunos (as) deverão correr em trios e assim por diante, conforme o estímulo visual recebido.

Cor **vermelha** – Pare ! Cor **amarela** – Ande ! Cor **verde** – Corra

VARIAÇÃO: realizar a atividade em dupla ou trin.



Sempre facilitar as
oportunidades para a
aprendizagem
cooperativa!

ATIVIDADE 3 VOLEI SENTADO

LOCAL: Quadra

OBJETIVO: Estimular a participação, respeito aos colegas e regras do jogo, associar à cooperação em equipe.

MATERIAL: Rede, bola e postes de voleibol, Quadra

DESCRIÇÃO: Propor aos alunos a vivência do voleibol adaptado, onde os (as) participantes (as) devem jogar sentados no chão, simulando a deficiência, o (a) professor (a) poderá utilizar colchonetes pelo chão para que fique mais confortável para os (as) alunos (as). Para a execução da partida a rede deve estar mais baixa que a convencional, para que seja possível lançar a bola por cima da mesma, estando na posição sentada, para isto é preciso adaptar a altura da rede de vôlei colocando sua borda inferior rente ao chão, para que fique mais baixa e remarcar o tamanho da quadra. O (a) professor (a) poderá propor uma progressão da atividade, para começar, alterar algumas regras para facilitar a movimentação da atividade, como por exemplo, permitir que a bola seja agarrada pelos participantes e depois repassada, dar até 5 toques antes de devolver à quadra adversária, passar a bola por no mínimo 3 colegas, proibido levantar o quadril do chão, não pode utilizar os membros inferiores para realizar toque, fazer rodízio a cada 2 pontos. Após o primeiro contato com a atividade, vivenciá-la rebatendo a bola, dependendo da dificuldade, permitir um quique no chão antes de rebater a bola, após aumentar o grau de dificuldade da atividade, permitindo somente rebater a bola. Os alunos poderão se locomover, mas sem a utilização das pernas, com o objetivo de acertar a bola, fazendo-a cair na quadra adversária. Aos alunos (as) será permitido deitar, sentar, ajoelhar e rolar. Não será permitido agachar, ficar de pé, ou saltar, não sendo permitido apoiar os pés no chão. Serão mantidas equipes com 6 alunos (as) para cada time na realização da partida. Será usada a mesma bola utilizada em jogos convencionais de vôlei, caso a turma apresente dificuldade pelo peso da bola, pode-se adaptar com uma bola mais leve, maior e mais lenta, como por exemplo, a bola de plástico grande.

ATIVIDADE 3 VOLEI SENTADO

VARIAÇÃO: Usar balão para facilitar o jogo.

Utilizar bola de vinil.

Aumentar o número de balões e bola de vinil.

Os (as) alunos (as) podem segurar a bola, para passar ao colega do time e para o outro lado da quadra.

Realizar o rodízio do voleibol, conforme o nível de aprendizagem da turma.



É muito importante lembrar que ser educador, hoje, é buscar conhecer cada vez mais cada um dos seus alunos, procurando as alternativas pedagógicas que melhor possam atender às peculiaridades e necessidades de cada um deles no processo de mediação da construção do conhecimento.

ATIVIDADE 4 MINI FUTSAL SENTADO

LOCAL: Quadra

OBJETIVO: Estimular a participação, respeito aos colegas e regras do jogo, associar à cooperação em equipe.

MATERIAL: Quadra, bola de futsal, mini gols.

DESCRIÇÃO: Adaptar o jogo de futsal, todos participando de forma sentado. Com redução de quadra, número de jogadores (as) e tamanho do gol.

VARIAÇÃO: Realizar o jogo na posição de caranguejo.

Aumentar a quantidade de gols durante a atividade. Realizar apenas em traves pequenas ou mini gols.

Aumentar o número de bolas durante a partida de forma lúdica.

Dividir a quadra em 3 espaços, determinados de zona de defesa, meio e ataque. Os (as) alunos (as) não podem passar para o outro espaço, somente após a determinação do (a) professor (a). Objetivo é todos passarem pelos espaços da quadra, iniciando na zona de defesa, zona de meio e posteriormente a zona de ataque. O número de jogadores (as) em cada espaço é de dois a três jogadores (as).



Lembre-se de
adequar e priorizar os
objetivos, conteúdos,
ou critérios de
avaliação!

ATIVIDADE 5

COELHO SAI DA TOCA

BUSQUE ATINGIR O
MAXIMO
DESENVOLVIMENTO
DOS ALUNOS!

LOCAL: Quadra ou ambiente amplo

OBJETIVO: Desenvolver a agilidade, tempo de reação, cooperação

MATERIAL: Corpo próprio, espaço amplo

DESCRIÇÃO: em duplas, os (as) alunos (as) formarão casinhas de mãos dadas, braços estendidos na altura da cabeça. Outros (as) alunos (as) serão os coelhos, que ocuparão as casas. O(a) professor(a) deverá deixar um aluno ou mais sem toca, e ao comando dito "coelho sai da toca" os coelhos deverão trocar de toca com outros (as) colegas. Os coelhos que inicialmente ficaram se tocam, ocuparão uma toca, e outros (as) ficarão sem. Em rodadas seguintes os coelhos devem sempre procurar uma toca.

VARIAÇÃO: O (a) professor (a) ao dizer comando "terremoto", os (as) alunos (as), incluindo as tocas irão se desfazer, e imediatamente formar novas casas, com outros coelhos.

O (a) professor (a) pode aumentar o número de coelhos sem toca. Reduzir o número de tocas por rodada.



ATIVIDADE 6

QUEIMADA COOPERATIVA

LOCAL: Quadra ou ambiente amplo demarcado com as linhas do jogo

OBJETIVO: Estimular a cooperação, vivência de valores como a empatia e afetividade.

MATERIAL: Bola de borracha, coletes

DESCRIÇÃO: Consiste dividir em duas equipes com cores diferentes. Nesta queimada, não existe um espaço formado por linhas igual a queimada tradicional, os jogadores podem queimar qualquer pessoa de outro time, desde que não desloque com a bola na mão. O jogador que for queimado, para voltar na brincadeira, deve ser salvo com um abraço.

VARIAÇÃO: Os (as) jogadores (as) podem fazer vários passes para queimar o colega do outro time.

Reduzir o número de passes, por exemplo, no terceiro passe deve se livrar da bola, arremessando.

Começar o jogo com o campo reduzido e aumentar os espaços.

Alternar os passes entre meninos e meninas. Incluir os alunos com deficiência durante a troca de passes.



PROFESSOR!
REALIZE TODAS
AS MUDANÇAS
NECESSÁRIAS NA
METODOLOGIA
PARA ATINGIR
SEUS ALUNOS!

ATIVIDADE 7

QUEIMADA COM PROTEÇÃO COOPERATIVA

LOCAL: Quadra ou ambiente amplo

OBJETIVO: Estimular o espírito de equipe, tempo de reação, agilidade.

MATERIAL: Bola de borracha ou de vinil.

DESCRIÇÃO: O jogo é realizado com uma bola grande de vinil, ficam duas equipes postadas em campo. Ao final da quadra, escondidos atrás de uma proteção fica os (as) jogadores (as) do mesmo time, contrário da queimada tradicional que fica o caçador (a) do time adversário. Esta proteção pode ser um banco, tatame ou qualquer local que represente um “abrigo” para os (as) alunos (as). Toda vez que a bola de vinil sair de quadra, os jogadores escondidos atrás da proteção fazem a reposição da bola. Quando a bola de vinil encosta no colega do time e ele (a) não consegue agarrar a bola, ele (a) dá o lugar para o (a) colega (a) que estiver escondido atrás dos protetores (as) entrar em quadra para jogar. O jogo estimula a cooperação, a troca constante de jogadores (as) e faz o time pensar em situações de jogo, trabalho em equipe e diminuir o conflito.

VARIAÇÃO: Se um dos (das) jogadores (as) não conseguir agarrar a bola, sai todos da equipe e entram os que estavam atrás da proteção.

Incluir passes antes de passar a bola para o outro lado da quadra.

Colocar duas bolas de vinil. Colocar três bolas de vinil.

Passar a bola entre meninos e meninas antes de lançar.

Um dos passes ou o arremesso para o outro lado deve ser realizado por uma criança com deficiência.



REALIZE A
PLANIFICAÇÃO DO
TEMPO!
PROGRAMADOS COM
MAJIDADES NAS QUAIS A
PODE FAZER SEUS
TRABALHOS DE FORMA
AUTONOMA!

ATIVIDADE 8 ARCO COOPERATIVO

LOCAL: Quadra ou ambiente amplo

OBJETIVO: Proporcionar vivência da cooperação associada ao desenvolvimento da habilidade motora agilidade.

MATERIAL: arcos



DESCRIÇÃO: Os (as) alunos (as) devem ficar dispostos em círculo na quadra e tentar passar o bambolê pelo corpo, até completar todo o círculo. Para isso, deverão estar com as mãos dadas e fazer movimentos com o corpo para facilitar que o bambolê passe de um (a) aluno (a) para o outro (a).

VARIAÇÃO: Passar primeiro o bambolê sem dar as mãos;

Passar o bambolê na posição sentado no chão;

Passar o bambolê com as mãos dadas e incluir dois ou mais bambolês;

Colocar uma música e quando parar, devem adivinhar onde encontra-se o bambolê (obs: todos de olhos fechados);

Acrescentar o número de bambolês, até chegar o maior número possível. Fazer com dois bambolês, iniciando em lados opostos. Os alunos devem fazer o possível para um bambolê não alcançar o outro. Colocar os alunos em fila, no lugar do círculo inicial, a brincadeira termina, quando passar o bambolê por todos.

Fazer adaptação o jogo eletrônico da cobrinha do celular. Um aluno com o bambolê, deve capturar o colega que esta pela quadra. Após a captura, coloca a mão no ombro do colega com a posse do bambolê e continua a brincadeira.

ATIVIDADE 9

BOLA AO CAPITÃO

LOCAL: Quadra ou ambiente amplo

OBJETIVO: Estimular a cooperação, desenvolver habilidades motoras e aprimorar o trabalho em grupo

MATERIAL: Bola e dois arcos

DESCRIÇÃO: Formando duas equipes com o mesmo número de participantes. Colocar um arco em cada lado da quadra ou pátio e cada equipe escolhe um de seus integrantes para ficar dentro dos arcos. Numa distância de três metros distante do arco, desenha-se uma linha onde não poderão passar defesa e ataque. O objetivo de cada equipe será conseguir passar a bola entre os participantes e arremessar a bola para o seu capitão dentro do arco. Este (a) deverá pegar a bola sem deixar cair e nem poderá sair do arco. Os participantes só podem se locomover sem bola, estando com a bola na mão devem executar um passe para um colega da equipe. Sem posse de bola, pode-se deslocar na quadra e interceptar a bola.

VARIAÇÃO: Determinar números de passes específicos para poder finalizar o arremesso.

Determinar passes alternados entre meninos e meninas.

Modificar a dimensão do espaço de jogo

Permitir que o capitão possa se locomover nas linhas de fundo, para colaborar para o ponto da equipe.



ATIVIDADE 10 TATAME COOPERATIVO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Desenvolver a cooperação, agilidade e espírito de equipe.

MATERIAL: Peças de tatame

DESCRIÇÃO: Formam-se colunas de números iguais entre a turma, de aproximadamente 4 a 5 alunos (as), com duas peças de tatames, pisando sobre uma peça e outra sob domínio manual dos (as) alunos (as). Ao sinal do (a) professor (a) as equipes passarão uma peça de tatame para frente, pisarão nela, pegarão a peça que estava no chão e passarão por cima e suas cabeças, alternando nas peças: pisa em uma peça, passa a segunda peça por cima da cabeça da equipe, e logo a coloca no chão. A equipe só pode se deslocar se estiver pisando em uma das peças do tatame. Vence a equipe que concluir o trajeto primeiro.

VARIAÇÃO: O tatame pode ser substituído por outro material como papelão. Mudar o número de participantes por vez.



Use da Planificação de recursos materiais: materiais de apoio e manipulativos, assim como a demonstração da atividade para auxiliar o entendimento!

ATIVIDADE 11

TRAVESSIA

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Estimular as capacidades físicas: velocidade, força e valorizar a cooperação da equipe.

MATERIAL: Tatames ou pedaços de pano, espaço com chão liso.

DESCRIÇÃO: Dividir a turma em números iguais. A formação inicial da atividade se dá por dois alunos (as) segurando as pontas do tatame e um (a) sentado (a) no tatame. Estes (as) dois alunos (as) deverão puxar o tatame com o (a) colega com o objetivo de atravessar o trajeto denominado “mar”, com segurança. O (a) colega salvo (a) e um dos que puxava o tatame ficam no final do trajeto, e um (a) dos (as) colegas volta para atravessar o próximo da equipe com o auxílio de outro (a) colega que também estava na fila. Na rodada seguinte, o (a) colega que já realizou duas travessias fica no final da base e vão revezando com os (as) colegas que ainda não foram, até que todos estejam salvos no outro lado.

VARIAÇÃO: Colocar um (a) aluno (a) no trajeto sendo o tubarão, onde os (as) alunos (as) devem fugir. Determinar o tipo de locomoção do tubarão: sentado, cócoras, costas, um pé só.



ATIVIDADE 12 CORRENTE

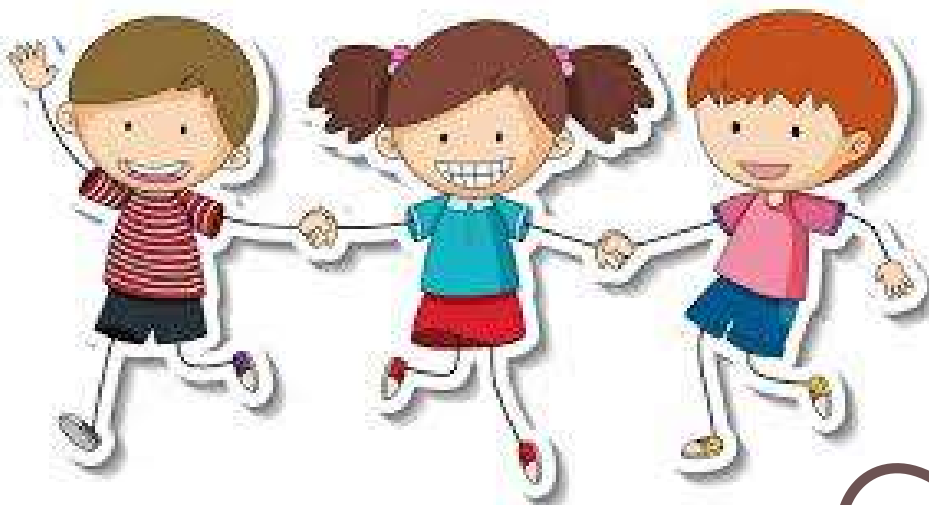
LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Instigar a cooperação e espírito de equipe

MATERIAL: Corpo próprio, espaço amplo

DESCRIÇÃO: Alunos (as) espalhados pela quadra, o (a) professor (a) escolhe um aluno, que será o pegador (para tornar a atividade mais dinâmica, o (a) professor (a) poderá ser o pegador). Ao sinal, o (a) aluno (a) escolhido (a) ou (a) o professor (a) corre atrás dos colegas, aquele que for pego, deverá pegar na mão do pegador (a) e de mãos dadas perseguir os demais de um em um, até formar uma grande corrente. A atividade prossegue, até que todos façam parte dessa corrente. A corrente não pode se quebrar, os únicos que podem ser os pegadores (as) são os (as) alunos (as) que estão na ponta da corrente.

VARIAÇÃO: Formar corrente dupla; atravessar em duplas.



Lembre-se da Planificação dos espaços: na metodologia criar autonomia no grupo, no que se refere à busca e consecução de suas aprendizagens!

ATIVIDADE 13

VOLENÇOL

LOCAL: Quadra de voleibol

OBJETIVO: Estimular a cooperação e o trabalho coletivo.

MATERIAL: Lençóis e bola de voleibol ou outra bola leve disponível.

DESCRIÇÃO: Amarre um elástico, cordinha ou rede a aproximadamente 1.80m de altura, de forma a dividir o espaço em dois lados iguais. Aproveite a ocasião para esclarecer sobre a altura oficial da rede de voleibol, que na categoria feminina possui 2.24m de altura e no masculino 2.43m.

Separe a turma em 4 grupos, sendo que dois grupos ficarão em quadra e outros dois ficarão na reserva, para entrar em seguida. A escolha dos dois grupos iniciantes poderá ser feita pela sorte ou utilizando alguma dinâmica, da forma como você professor (a), achar melhor.

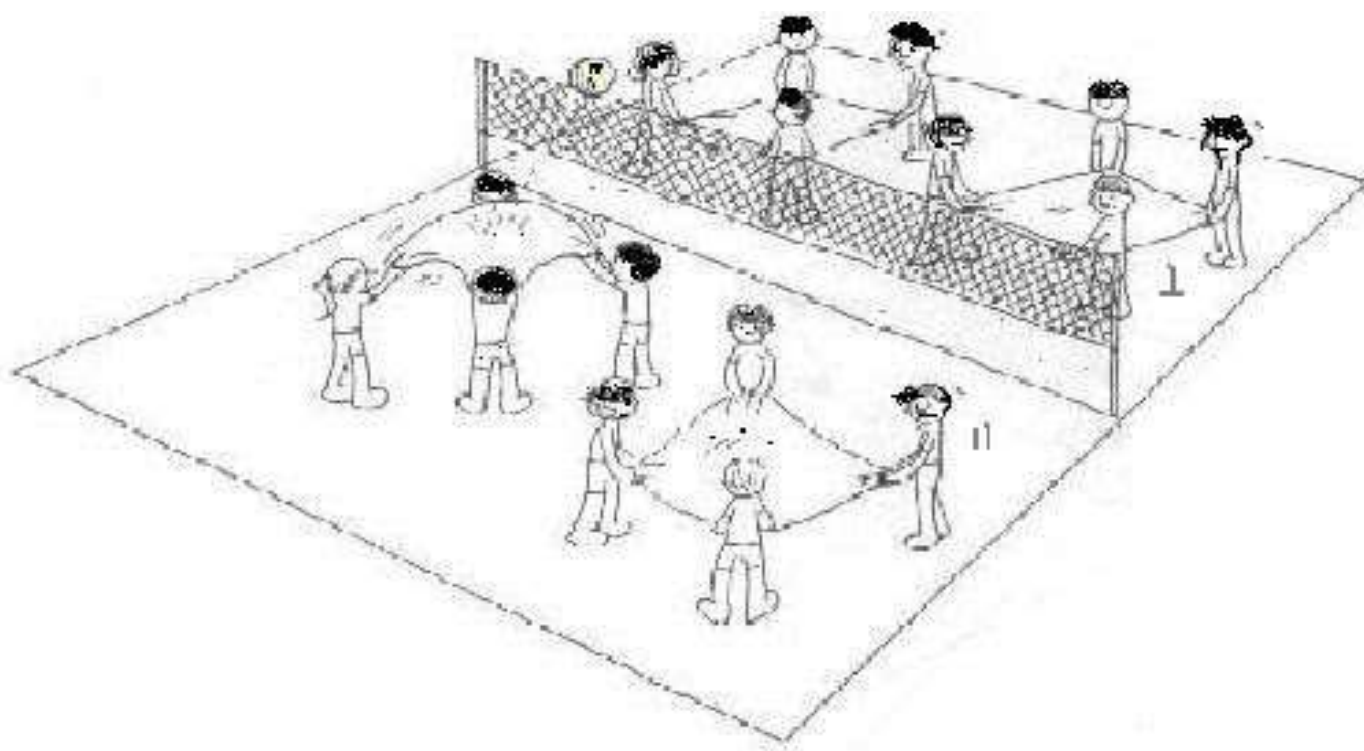
Os grupos da reserva podem observar o comportamento dos (as) colegas (as) e dialogar sobre as melhores maneiras de se organizarem neste jogo. Cada um dos grupos deverá segurar o lençol estendido, com a participação de todos os integrantes do grupo. A bola será lançada pelo grupo iniciante, através da organização coletiva, no intuito de arremessar a bola para o outro lado da quadra, como se fosse um saque.

O grupo do outro lado deverá receber a bola com o lençol, sem deixá-la cair no chão, como acontece no voleibol. Se conseguirem receber a bola com o lençol, devem lançá-la de volta sempre por cima da rede ou corda, visando fazer com que a bola toque o chão do lado oposto.

ATIVIDADE 13 VOLENÇOL

Qualquer um dos dois grupos que não conseguir receber a bola, e deixar que a mesma toque seu lado da quadra, trocará de lugar com o grupo da reserva, e assim sucessivamente, os grupos irão trocando de lugar. Aqueles que forem conseguindo cooperar com os (as) colegas (as) e trabalhar em equipe para atingir o objetivo do jogo vão permanecendo em quadra.

VARIAÇÃO: Colocar mais de uma bola em jogo;
Variar tamanho e peso das bolas em jogo;



Atenção na Alternância
de estratégias de
trabalho cooperativo e
participativo, no qual
se dê espaço à
individualidade!

ATIVIDADE 14 LIMPANDO O CAMPO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Estimular o trabalho em equipe, desenvolver cooperação e agilidade.

MATERIAL: Bolas variadas

DESCRIÇÃO: Com bolas variadas, divididos em duas equipes, ao som do apito, os (as) alunos (as) devem jogar o máximo de bolas para o campo adversário com o objetivo de limpar o seu campo. Ao final da rodada, a equipe que tiver com menos bolas, pontua.

VARIAÇÃO: Pode-se usar de diferentes materiais disponíveis como materiais recicláveis, garrafas pet, bolas furadas.



ATIVIDADE 15 SENTAR EM GRUPO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Perceber a importância e a força do trabalho em equipe e da cooperação.

MATERIAL: Sala grande, quadra ou ao ar livre.

DESCRIÇÃO: A atividade requer que todo o grupo deve sentar em círculo, de uma só vez, mantendo o equilíbrio. O (as) professor (a) pede para que os (as) participantes em pé formem um círculo estando voltados para dentro dele. Solicita então, que todos virem para a direita, de modo que cada um fique de frente para as costas do colega, como numa fila circular. Cada um deve juntar a ponta dos pés nos calcanhares do colega à sua frente, colocando as mãos na cintura dele. O (a) professor (a) contará até três pausadamente, e os (as) alunos (as) devem sentar-se nos joelhos de quem está atrás, vagarosamente e todos ao mesmo tempo. Se alguém perceber que vai perder o equilíbrio deve comunicar ao grupo, imediatamente. Tentar várias vezes até que consigam atingir o objetivo. Quando houver um equilíbrio e coesão no grupo, o professor solicitará que todos soltem a mão direita e a levantem para o alto. Em seguida, a mão esquerda. Finalmente pede-se a todos que coloquem a mão na cintura do (a) colega a sua frente e, após a contagem até três, por parte do (a) professor (a), levantam-se todos juntos, vagarosamente.

VARIAÇÃO: realizar a atividade de olhos fechados.



ATIVIDADE 16 NÓ HUMANO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Estimular o raciocínio, o trabalho em equipe, desmanchar um nó feito com alunos.

MATERIAL: Corpo próprio, espaço amplo.

DESCRIÇÃO: Todos os (as) alunos (as) formam um círculo dando as mãos. Cada um verifica quem está à sua direita e à sua esquerda. Isto é muito importante, pois pode haver confusão depois, portanto, peça que cada um fale alto para si e para os outros: "João está à minha direita e Ana, à minha esquerda". Diga para soltarem as mãos e caminharem pelo espaço, aleatoriamente, até ouvirem um sinal (palma ou assobio). Ao ouvi-lo, todos param exatamente onde estão. Agora, sem sair de suas posições, deverão dar sua mão direita para quem estava à sua direita e sua mão esquerda para quem estava à sua esquerda. Vai se formar um nó de alunos, e deverá ser desfeito voltando o círculo à posição inicial, sem que ninguém solte as mãos. Peça que os (as) alunos (as) do grupo fiquem em círculo. Eles (as) devem dar as mãos uns aos outros, entrelaçando-as. Não pode dar as mãos para o colega que está ao lado nem dar as duas mãos para a mesma pessoa. A tarefa é desfazer o nó humano sem soltar as mãos, formando um círculo.

VARIAÇÃO: Estipular um tempo limite para realização.



ATIVIDADE 17

JOGO DOS 10 PASSES

VALORIZE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA POR PARTE DOS ALUNOS A OUTROS ALUNOS!

LOCAL: Quadra ou pátio

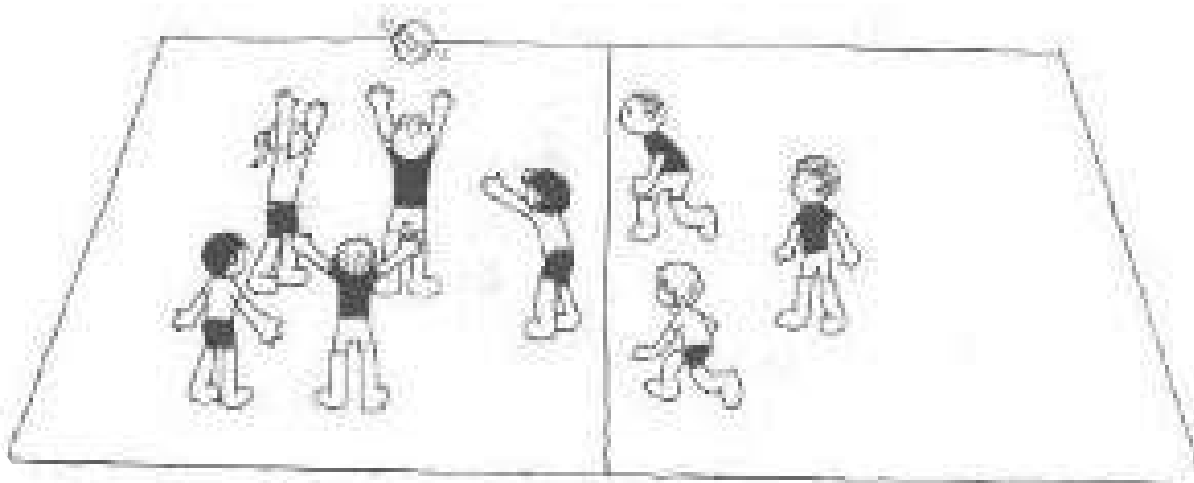
OBJETIVO: Estimular a cooperação, reforçar o trabalho em equipe, desenvolver habilidades motoras, tais como: passar, lançar, receber e rebater.

MATERIAL: Uma bola de borracha ou de basquete

DESCRIÇÃO: Duas equipes, com aproximadamente 10 integrantes. Uma equipe de cada lado disposta em quadra, inicialmente, como no jogo de basquetebol. O objetivo de cada equipe é atingir a marca de dez passes consecutivos entre os (as) integrantes do time, sem que a equipe contrária tome a bola ou que a mesma caia no chão.

VARIAÇÃO: O (a) professor (a), a cada ponto, passa um integrante para a equipe contrária;

Quando o jogo fica fácil para as duas equipes, sugerir que só se use a mão direita, por exemplo.



ATIVIDADE 18

CIRCUITO JOQUEI PÔ

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: Vivência de habilidades motoras, estímulo à cooperação

MATERIAL: cones, arcos, pratos de agilidade, cordas



DESCRIÇÃO: Dividir a turma em duas equipes, montar um circuito com fases iguais e que se encontrem no meio do trajeto. Uma equipe de cada lado do circuito, em fila. O (a) primeiro (a) de cada fila, ao comando do (a) professor (a) deverá passar pelo circuito montado indo em direção à base da outra equipe. Em determinado momento os (as) integrantes de cada equipe irão se encontrar, neste momento irão parar e disputar o jôquei pô, sinalizando com as mãos cada gesto (pedra, papel ou tesoura), o (a) vencedor (a) irá avançar para a base contrária e o que perdeu retornará à sua equipe pelo lado de fora. O (a) segundo (a) de cada equipe deverá estar muito atento (a), pois no momento que ver a disputa do jôquei pô e ver que seu (a) colega perdeu, este (a), deve iniciar o trajeto para impedir que o (a) integrante da equipe adversária avance. As disputas vão ocorrendo até que alguém chegue na base oposta. Ao chegar na base oposta, soma-se um ponto para a equipe.

VARIAÇÃO: Ao invés de realizar o gesto escolhido com a mão (pedra, papel ou tesoura) os (as) alunos (as) deverão realizar o gesto com o corpo todo (pedra: grupando o corpo todo, tesoura: imitando um "x" com braços e pernas e papel: estendendo corpo todo).



Pedra

Papel

Tesoura

ATIVIDADE 19

JOGO DA VELHA HUMANO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: vivência de habilidades motoras, estímulo à cooperação, raciocínio rápido

MATERIAL: 9 arcos formando as casas do tradicional jogo da velha, cones ou objetos de cores diferentes para representar as duas equipes

DESCRIÇÃO: Dividir a turma em duas equipes enfileiradas e simular o jogo da velha. Ao comando do (a) professor (a) o primeiro de cada equipe irá levar um objeto no centro da quadra, dentro de uma das casas do jogo da velha (formado por arcos) e voltar para sua equipe, tocando na mão do próximo colega. Ao ser tocado (a), o segundo da equipe irá escolher uma casa do jogo na tentativa de criar estratégia para pontuar ou obstruir o ponto da outra equipe. As rodadas ocorrem até pontuar ou “dar velha”.

VARIAÇÃO: Criar circuito motor ou resolver cálculo matemático antes de chegar às casas do jogo.

Fazer o próprio corpo como casa do jogo ao invés dos cones.



ATIVIDADE 20 RELOGINHO

LOCAL: Quadra ou pátio

OBJETIVO: vivência de habilidades motoras com agilidade e velocidade, estímulo à cooperação.

MATERIAL: relóginho formado por corda e espirobol (ou adaptado com bola na sacola/ saco amarrado em uma corda), pratinhos de agilidade ou cones,

DESCRIÇÃO: Dividir a turma em duas equipes enfileiradas, o (a) professor (a) irá girar o relóginho e ao seu redor estará cercado de cones/pratinhos (no diâmetro do relóginho). Os (as) primeiros (as) de cada equipe irão em busca de um cone/pratinho enquanto o relóginho se movimenta. Resgatam um item e voltam para sua equipe, tocam na mão do colega que inicia a corrida em busca de mais um cone. Vence a equipe que resgatar mais itens. O (a) aluno (a) que for tocado (a) pelo relóginho deverá retornar à sua equipe sem nenhum item, dando continuidade com o (a) colega seguinte.

VARIAÇÃO: Ao invés de objetos como cones o (a) professor (a) pode colocar peças de um quebra cabeça, frase, ou peças do xadrez e a equipe será vencedora quando montar as peças corretamente.



QUESTÕES NORTEADORAS E REFLEXIVAS SOBRE SUA PRÁTICA



**QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A AULA?
POR QUÊ?**



**VOCÊ ACREDITA QUE ATINGIU OS
OBJETIVOS ESTABELECIDOS?**



**QUAL ASPECTO DA AULA MAIS LHE
CHAMOU ATENÇÃO?**



**COMO FOI A PARTICIPAÇÃO DO
ALUNO COM DEFICIÊNCIA?**



**VOCÊ ACREDITA SER POSSÍVEL
AMPLIAR/POTENCIALIZAR ESTA
PARTICIPAÇÃO? COMO?**

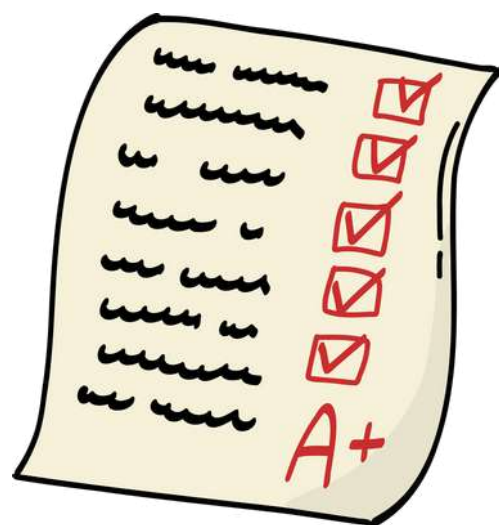


AVALIAÇÃO



A avaliação é compreendida como um processo contínuo e constante, que deve ser realizado de forma colaborativa por todos os profissionais da educação envolvidos na escola.

A função da avaliação é nortear o professor e envolver o aluno no seu processo de estudo do fazer e do aprender em uma perspectiva crítico-social e não simplesmente uma avaliação de momentos. A pesquisa do saber construído constitui a base das tarefas pedagógicas. (Silva, 2006)



CONSIDERAÇÕES E QUESTIONAMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

→ **O aluno com deficiência física está se relacionando com os demais alunos e participando com interesse das atividades em grupo?**

→ **As limitações do aluno estão sendo respeitadas?**

→ **O seu aluno está evoluindo em seu processo de aprendizagem?**

→ **As habilidades e competências dos alunos estão sendo desenvolvidas?**

→ **Existem canais de comunicação adequados que garantam a detecção e a análise das dificuldades de aceitação do aluno com deficiência física por parte dele mesmo e dos demais?**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória acadêmica, aliada à elaboração desta dissertação, foi de grande importância para nosso crescimento pedagógico, especialmente em uma área de entendimento complexo, que envolve diversos fatores a serem estudados e analisados para que pudéssemos compreender a efetividade da inclusão plena de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar.

Nosso objetivo foi problematizar questões a partir da perspectiva do professor participante do estudo, considerado o principal agente do processo inclusivo, buscando compreender esse universo e todas as questões relacionadas ao tema. Não realizamos julgamentos ou críticas às ações, conceitos ou valores dos professores; ao contrário, buscamos entender a formação desses profissionais, tanto na graduação quanto na pós-graduação, além de outros cursos de formação, voltados ao atendimento de estudantes com deficiência.

Identifica-se as necessidades e inquietações acerca da Educação Física Inclusiva, explorando questionamentos, desafios e possíveis soluções para as práticas pedagógicas vivenciadas nos contextos profissionais.

O professor de Educação Física precisa ter um bom entendimento sobre seus estudantes e suas respectivas deficiências, muitas vezes contando com o apoio e a orientação de professores especializados. Essa combinação de conhecimento acadêmico e experiência prática é fundamental para que ele possa planejar e realizar uma Educação Física Inclusiva de qualidade, garantindo um atendimento adequado às necessidades de todos os alunos.

Contudo, A formação continuada voltada aos professores de Educação Física Inclusiva, com foco em atividades de corpo inteiro, é fundamental e deve ser considerada o principal investimento na preparação desses profissionais para promover um processo inclusivo eficaz, respeitando a diversidade.

Por fim, além de todo preparo profissional, particularmente penso que o docente precisar estar aberto às infinitas possibilidades e características de cada ser, de cada aluno e lembrar-se que se trata de um ser humano e perpassa suas características e tipo de deficiência, sendo necessário entregar aos seus alunos o conhecimento com amorosidade e carinho, com paciência e empatia, com o desafio de passar pela metamorfose ou ir ao abismo, no caso de se transformar para incluir e ser eficaz no processo inclusivo ou sair de cena por não estar disposto a encarar o cenário à sua frente. Para finalizar, convido a você leitor, professor a refletir: o que se requer para ser um professor inclusivo?



REFERÊNCIAS

BLOCK, M. C.; JONES, M. G. Strategies for Teaching Children with Autism. In: Physical Education. Virgínia: Human Kinetics Publishers, 2006.

BRASIL. A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física / elaboração Adilson Florentino da Silva, Ana de Lourdes Barbosa de Castro, Maria Cristina Mello Castelo Branco.- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. Comissão Especial de Acessibilidade. Acessibilidade: passaporte para a cidadania das pessoas com deficiência. Guia de orientações básicas para a inclusão de pessoas com deficiência / Comissão Especial de Acessibilidade. – Brasília : Senado Federal, 2005. 53 p.

BRASIL. Cartilha do Censo 2010: Pessoas com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012. 32p.

BRASIL. Governo de São Paulo. Cartilha de orientação para o atendimento a pessoas com deficiência. 14.p [ano]. Disponível em : http://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/CARTILHA_ATENDIMENTO_PESSOA > Acesso em: 18 de Jan 2025.

BRASIL. Ministério das cidades. Atendimento adequado às pessoas com deficiência e restrições de mobilidade. In: Brasil acessível: Programa brasileiro de acessibilidade urbana. 20-- . p.62.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Parecer do Conselho Nacional da Educação 17/2001. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 jan. 2001.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 02 dez. 2004.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Cartilha 'Atitudes Que Fazem A Diferença Com PcD': Garantir os Direitos Humanos é o caminho para a inclusão. Porto Alegre, RS, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. Todos juntos por um Brasil mais acessível: O MP e a pessoa com deficiência. Brasília: CNMP, 2014. 72 p.

BRASIL. Senado Federal. Notícias Síndrome de Down. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/institucional/sis/noticias-comum/brasil-tem-270-mil-pessoas-com-a-sindrome-de-down>> Acesso em 02 maio 2025.

BRASIL. Programa INCLUIR. Convivendo com pessoas com deficiência: um guia para facilitar suas relações no trabalho e na vida. [sem ano]. P.36. Disponível em: <http://www.viacaocometa.com.br/shared/programa-inclusao-social.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2025.

BRASIL, Lei Nº 13.146. Lei Brasileira de Inclusão. Senado Federal: Brasília, 2015.

HERNANDEZ, M. R. Manual de Educación Física adaptada al alumnado con discapacidad. Barcelona: Paidotribo, 2003. Disponível em <<https://atencionninosdiscapacidad2014.files.wordpress.com/2014/03/manualdeeducacionfisicaadaptadaalalumnocondiscapacidad-140109082742-phpapp01.pdf>> Acesso em 7 dez. 2024.

Guia (Produto Educacional de Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2019.





REFERÊNCIAS

PARANÁ. Secretaria de Desenvolvimento Social e da Família. Conceito de Deficiência Intelectual. Conceito de Deficiências Múltiplas. Disponível em <<https://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/Pagina/Deficiencia-Intelectual>> Acesso em 30 abr. 2025.

MATOS, M. A. Instabilidade atlantoaxial e hiperfrouxidão ligamentar na síndrome de down. REVISTA Acta ortop. bras. 13 (4) • 2005. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S1413-78522005000400001>> Acesso em 02 maio 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual vol. 1 fascículos I – II – III / Marilda Moraes Garcia Bruno, Maria Glória Batista da Mota, colaboração: Instituto Benjamin Constant. _____Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

SILVA, A. F. A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física / elaboração Adilson Florentino da Silva, Ana de Lourdes Barbosa de Castro, Maria Cristina Mello Castelo Branco.- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 67 p.

SCHWARTZMAN, J. S. (Ed.) (1999). Síndrome de Down. São Paulo: Memnon.

ZHANG, J.; GRIFFIN, A. J. Including children with autism in general physical education: Eight possible solutions. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, v. 78, n. 3, p. 33-37, 2007.

BRASIL. Cartilha 'Atitudes Que Fazem A Diferença Com PcD': Garantir os Direitos Humanos é o caminho para a inclusão. Porto Alegre, RS, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. Todos juntos por um Brasil mais acessível: O MP e a pessoa com deficiência. Brasília: CNMP, 2014. 72 p.





REFERÊNCIAS

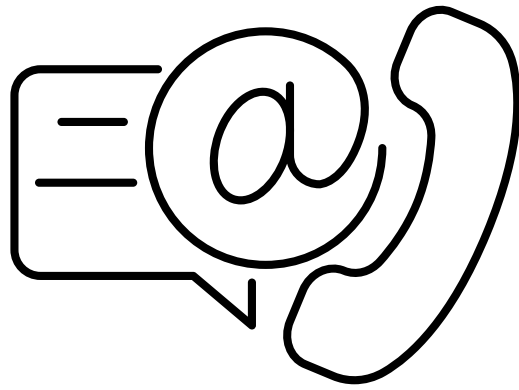
BRASIL. Programa INCLUIR. Convivendo com pessoas com deficiência: um guia para facilitar suas relações no trabalho e na vida. [sem ano]. P.36. Disponível em: <http://www.viacaocometa.com.br/shared/programa-inclusao-social.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2025.

BRASIL, Lei Nº 13.146. Lei Brasileira de Inclusão. Senado Federal: Brasília, 2015.

HERNANDEZ, M. R. Manual de Educación Física adaptada al alumnado con discapacidad. Barcelona: Paidotribo, 2003. Disponível em <<https://atencionninosdiscapacidad2014.files.wordpress.com/2014/03/manualdeeducacionfisicaadaptadaalalumnocondiscapacidad-140109082742-phpapp01.pdf>> Acesso em 7 dez. 2024.

Guia (Produto Educacional de Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2019.





julianesdc@hotmail.com



cpaioli@uepg.br



@ju_quiri



@cpaioli



@oficialuepg



@profeiuepg

